

4. Da Igreja dos Alemães à Igreja sem Genitivos

Introdução

O cristianismo nunca se considerou uma religião de um povo, de uma região ou de apenas parte da humanidade... nossa criação em Cristo já nos indica que Jesus Cristo é o sentido último da existência humana, sua finalidade e sua realização plena. Essa afirmação transpõe tempos e espaços, culturas e religiões, e reivindica uma universalidade salvífica.
Mário de França Miranda¹

É preciso apreender que a fé luterana não é o privilégio reservado a um só tipo de pessoas e que a melhor maneira de preservar o nosso é compartilhá-lo. A IECLB está dando passos nesta direção. Mas ainda está a caminho.
Gottfried Brakemeier²

A presença comunitária e estrutural da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) foi sendo construída desde a chegada das primeiras famílias de imigrantes europeus ao Brasil, cujo navio aportou em janeiro de 1824 na localidade da Armação das Baleias, no município de Niterói, onde hoje está uma base militar da Marinha do Brasil. De lá as primeiras famílias foram levadas para Nova Friburgo (RJ), onde fundaram a primeira comunidade luterana em 3 de maio desse mesmo ano, seguindo as demais para as outras áreas de colonização, chegando à localidade mais tarde chamada São Leopoldo (RS), em homenagem à Imperatriz.

Esses primórdios e os desdobramentos históricos da presença luterana em terras brasileiras são marcados pelas contradições das situações de miséria na Europa, das falhas dos diversos modelos de colonização no Brasil, das estratégias de mercantilização usadas após a imigração pelo governo alemão, com apoio da Igreja, para germanizar os colonos em território brasileiro, dos esforços de cooperação eclesiástica dos imigrados de diversas regiões, e portanto, de diversas Igrejas evangélicas territoriais, e do relacionamento com o Superior Conselho Eclesiástico e com as empresas alemães, especialmente de navegação, e instituições e associações eclesiais e educacionais luteranas, que juntaram-se à caminhada da Igreja Luterana e integraram-se ao processo que resultou na criação da IECLB em 1968.

¹ MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo*. São Paulo, Loyola, 2004, p. 201.

² BRAKEMEIER, G. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: missão e perspectivas. In: BRAKEMEIER, G., ed. *Presença Luterana 1990*. São Leopoldo, Sinodal, 1989, p. 176.

Com a presença comunitária estruturada em diversas regiões do território brasileiro, com o suporte da casa de formação teológica, da editora e de entidades de serviço, de relacionamentos ecumênicos e com igrejas-irmãs, sobretudo na Europa, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que surge desse amálgama de comunidades e seus respectivos Sínodos, dispunha dos elementos básicos para efetivar seu testemunho de fé nesta terra que tornaram sua, pela presença física, pelo trabalho e pela inserção, especialmente nas regiões que receberam imigrantes.

As dificuldades, no entanto, continuaram se impondo. À presença concentrada nos estados do sul e no Espírito Santo, correspondeu o estabelecimento incipiente nos outros 23 estados da Federação e no Distrito Federal; aos desafios do modelo majoritário de urbanização, respondeu com certo desinteresse na disponibilização de recursos humanos, pedagógicos e pastorais, insistindo atavicamente no modelo paroquial pré-urbano trazido pelos imigrantes no início do século XIX; às tarefas de anúncio da mensagem libertadora do evangelho ao povo brasileiro, diferentemente de Lutero que privilegiou seu povo e sua cultura, manifestou relutância e até resistência em nome do germanismo; por limitações ideológicas não assumiu a ênfase na graça que privilegia a fraqueza insurgente dos pobres e relativizadora dos poderes, mostrou dificuldades para romper seus limites institucionais e interagir no debate dos grandes temas; aos desafios da ocupação missionária do espaço territorial de dimensões continentais, em especial os centros urbanos, respondeu com uma presença pontual nos demais estados da Federação e pouco expressiva, apesar de continuada e organizada, nas duas maiores cidades brasileiras³, demonstrando relutância na integração de seus objetivos pastorais às grandes lutas pela construção da cidadania do povo brasileiro, a partir de 1970.

Para analisar essa situação e colaborar na busca de novos horizontes de atuação, passo a considerar a trajetória da teologia etnicista de Dohms e as correções de rumo trazidas por Schlieper, sob a influência de Karl Barth, no Sínodo

³ Ver SCHÜNNEMANN, R. *Do gueto à participação*; a emergência da consciência sócio-política na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil entre 1960-1975. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Teologia/ PUC-Rio, 1989, 342p. e *Em busca de dinamicidade*; a presença pastoral da

Rio-Grandense, o primeiro e basilar esforço institucional como Sínodo da Igreja, no período de gestação da atual IECLB. Em seguida, indago sobre as linhas mestras de condução da missão, indagando se Lutero é a fonte onde comunidades e sínodos hauriram a teologia etnicista. Depois, para buscar os desafios da catolicidade à pregação luterana no Brasil, é necessário ressaltar os parâmetros de Lutero para elaborar teologia fiel ao mandato recebido pela Igreja, ao falar de exigências que a IECLB deve atender em sua luta para ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil e dialogar com as novas perspectivas de missão e catolicidade.

4.1. Ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil

Para redescobrir a fonte mesma do sentido de sua existência, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil deverá retornar à Palavra de Deus, na busca do significado da salvação, da qual é testemunha. Isso implica em distanciar-se de seus imperativos institucionais, para contemplar-se a si mesma, ampliando em seguida o olhar para a realidade que a circunda. Essa tarefa epistemológica não é tão simples quanto pode parecer, seja pelos envolvimento diversos, seja pelas relações criadas e desenvolvidas ao longo de quase dois séculos de existência, seja pela complexa presença institucional que construiu no Brasil até agora.

Seu desafio, ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil, ao mesmo tempo que é seu estatuto ontológico, lhe atribui tarefas imediatas para a consecução de sua missão. Para chegar a elas deverá defrontar-se com situações que historicamente tornaram-se empecilhos para sua realização. Para assumir a tarefa inadiável precisará admitir essas dificuldades e reencetar o esforço de sua superação. O desafio da identificação⁴ com os povos e as diversas culturas que marcam a realidade brasileira corresponde à plena humanização de Jesus Cristo, parâmetro de sua missão. Para ser fiel a ela, deve acompanhar o olhar de Deus que, ao “dirigir seus olhos para as profundezas e não para as alturas”, descobriu Maria, a mãe do

Igreja Evangélica de Confissão Luterana nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 1960 e 1990. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Teologia/ PUC-Rio, 1997, 162p.

⁴ Cf. *infra* cap. 2, a compreensão de Stuart Hall.

Salvador, deixando o parâmetro de que “quanto mais abaixo dele alguém estiver, tanto melhor o verás”⁵.

O olhar marcado pelas contradições resultantes da experiência histórica não está isento dos desafios que o evangelho lhe coloca neste momento. Sendo igreja de imigrantes tornados cidadãos alemães meio século após sua chegada no Brasil, de parte significativa de seus pastores terem orientado comunidades a apostar seu futuro na teologia etnicista, de ter vivido a reorientação teológica – que pode ser colocada em questão – a partir de sua efetividade, de sofrer a exigência da catolicidade para o exercício da sua missão, e de enfrentar o desafio da presença pastoral urbana, frente ao qual mostrou resistências, de forma inercial, quando sua presença era apenas colonial, e, de forma consciente, pelo apego intransigente a um público, uma forma de organização e pregação, e um modo de interação com o conjunto da sociedade.

Tendo nascido e crescido nos centros de colonização, espaços autônomos marcados pela ausência de alternativas culturais e ideológicas, e “confrontados com um projeto de identidade étnica concebido fora de seus espaços vivenciais, foram expostos a uma única incidência cultural, a qual assimilaram, também, por falta de outra opção, mas à qual, igualmente, resistiram de diversas formas”⁶, essas comunidades precisam reencontrar seu estatuto ontológico para avaliar as dimensões de seus novos desafios. Para tanto, devem também retornar à *Theologia Crucis* (Teologia da Cruz) do Reformador, para quem “essa é, pois, a sabedoria dos santos e o mistério escondido para os sábios e revelado aos pequeninos”⁷, a *sapientia crucis* (sabedoria da cruz) é quando “nada parece mais ser nada do que o próprio Deus”⁸.

Ao defrontar-se com o ser humano e seu conflito entre viver a comunhão com Deus ou seguir a promessa da serpente (Sereis como Deus)⁹, deve a Igreja

⁵ Lutero ao interpretar o Cântico de Maria (WA 7, 547) ap DREHER, M. N. A redescoberta da Teologia da Cruz de Lutero no debate com a Teologia da Libertação. *Estudos Teológicos/EST*, 1994/34 (2): 128.

⁶ WIRTH, L. E. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Estudos Teológicos/EST* 1998/38 (2): 169-70.

⁷ *Haec igitur est scientia sanctorum et mysterium absconditum a sapientibus et revelatum parvulis.*

⁸ *Nihil magis nihil esse videtur, quam Deus ipse.*

⁹ *Eritis sicut Deus!*

tomar o mesmo caminho do “teólogo da cruz, que diz as coisas como elas são”¹⁰. O preço a ser pago para ser portadora dessa mensagem é alto. “Essas são as verdadeiras mortificações, que não são feitas em lugares desertos, fora da sociedade dos seres humanos, mas na própria economia e na política”¹¹. Só ao aprender a conviver com seu próprio passado, compreender as reorientações que sofreu e assimilar o impacto existencial dessas mudanças, será capaz de testemunhar com eficácia.

4.1.1. A teologia etnicista

As comunidades luteranas do período seguinte ao da mercantilização da imigração passaram do “programa resumido no nome: *Deutsche Evangelische Kirche von Rio Grande do Sul* (Igreja Evangélica de Rito Alemão do Rio Grande do Sul)”, que visava “a uma Igreja *alemã*, e isso significa duas coisas: seguindo ritual alemão, essa Igreja deve ser *Igreja Popular Alemã* ou Igreja do grupo étnico germânico”¹², estava filiada à “Confederação Eclesiástica das Igrejas Territoriais Alemãs” e via na etnia “uma ordenação, uma determinação divina..., em que o homem se conscientiza de sua finitude..., tem duas opções: pode aceitá-los ou rebelar-se contra eles, negando essa finitude imposta por Deus. Rebelando-se, procurando romper essa finitude, o homem pode procurar construir ‘um reino definitivo da humanidade’ – e isso seria humanismo – ou o homem pode ainda colocar sua etnia como valor máximo, negando que ao lado de sua ética, de seu povo, ainda existam outros que tenham valor para a humanidade – chegaria assim – ao nacionalismo. Por isso, quando o ser humano se volta contra a sua finitude, afasta-se de Deus, fica com seu pecado e o multiplica. Se porém, ao contrário o ser humano reconhecer sua finitude étnica como uma ordenação divina, aí adquirirá uma verdadeira existência, ‘desistindo de si mesmo e recebendo-se como graça’”¹³.

¹⁰ *Theologus crucis dicit id, quod est*. DREHER, M. N. A redescoberta da Teologia..., p. 131.

¹¹ *Hae sunt verae mortificationes, quae non finit in desertis locis, extra societatem hominum, sed in ipsa oeconomia et politia* (WA 43, 214, 3ss) ap DREHER, M. N. A redescoberta da Teologia..., p. 133.

¹² Volk und Kirche, Gedanken zur theologischen Begründung volkskirchlicher Arbeit. In: DEBB 1934 (16): 125 ap DREHER, M. N. Visão-luta-herança; Hermann Gottlieb Dohms e a identidade da IECLB. *Estudos Teológicos/EST*, 1978/18 (3): 120.

¹³ DREHER, M. N. Visão-luta-herança..., p. 120-5.

Segundo esta perspectiva teológica etnicista da década de 30 do século passado, “foi o próprio Deus que atomizou a humanidade, em sua graça, por causa do pecado, em povos, para neste mundo, que é e permanece sendo pecaminoso, onde jamais pode haver uma humanidade, pode levar a seu alvo, ao Reino de Deus, que está nos céus. A Igreja que não reconhecer a limitação imposta por Deus, a limitação étnica, “quererá o ilimitado, o definitivo e se identificará a si mesma com o Reino de Deus”. O sentido da história da Igreja é para ele: “individualização do cristianismo, i. e., entrada do evangelho nas individualidades criadas por Deus, especialmente nesta ou naquela etnia”¹⁴.

Para Dohms, o líder religioso que deu sustentação à teologia que resultou do processo de mercantilização da imigração alemã ao Brasil no século XIX, “o que perderia o Sínodo Rio-Grandense, como Igreja, caso viessem a se dissolver as bases étnicas? Perderíamos, por um tempo indeterminado, a possibilidade de uma compreensão total e pura do Evangelho; pois o pleno desdobramento do poder e da compreensão do Evangelho é impossível para o indivíduo, e só se torna possível na família e em seu povo”. Com essa afirmação, fica assumida a perspectiva etnicista “do povo alemão, um povo, no qual, segundo a sua opinião, ‘o evangelho penetrou de forma inigualável e ao qual foi aberta a compreensão pura do Evangelho’. Caso vier a ocorrer a fusão do grupo étnico alemão com outros grupos étnicos no Brasil, isso significará a inclusão de um povo que ainda está em formação”¹⁵. Esse raciocínio teológico se apóia no pensamento germanista, oriundo do romantismo alemão, que já revela traços etnicistas e racistas no período que antecede à eclosão do Terceiro Reich¹⁶.

Representativas dessas tensões entre pastores que eram nacional-socialistas e os demais, além do reflexo nas comunidades, é a situação do Pastor G. Reusch, que afastou-se desta postura política. Esse mesmo pastor participou em 16 e 17 de

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, p. 125-6.

¹⁶ Antes mesmo da eclosão do Terceiro Reich, o esforço para a afirmação do ideal etno-racial perdeu de tal modo o senso da realidade, que o preposto Funcke emitiu juízo desclassificando os próprios imigrantes alemães, que compunham a nascente Igreja no Brasil: “segundo a raça, os teuto-brasileiros em geral não são de sangue germânico puro, e, sim, predominantemente em alto grau pomeranos germânico-vêndicos da classe de trabalhadores rurais semi-escravos e *Hunsrück*er germano-alpino-célticos de altiplanos culturalmente pobres. No sangue da maioria, não correm as qualidades mais valiosas do ‘germanismo’ autêntico” (Funcke nº 1416/32 P. Alegre – 23 de maio de

maio de 1935 das negociações do grupo de pastores nacional-socialistas, proferindo “uma palestra intitulada: *Der Pfarrer als Parteigenosse* (O Pastor como Membro do Partido). Todavia indícios de uma mudança de mentalidade em Reusch se encontram em sua proposta de que o grupo de pastores nacional-socialistas se dissolvesse espontaneamente em favor de uma nova fundação da ‘classe pastoral rio-grandense’. A proposta foi rejeitada pela maioria menos por motivos políticos, e, sim, porque não queria abrir mão do instrumento existente para a representação eficiente dos direitos estamentais”¹⁷.

Esse pensamento etnicista foi perpetuado aqui por entidades mantenedoras, como o Comitê para os Alemães Protestantes no Brasil Meridional, criado em 1864 por Friedrich Fabri, o primeiro pastor luterano formado a atuar entre os imigrantes no Brasil. Surge do esforço de adaptação do conceito de “organismo, em última instância imprestável como categoria histórica, não era mais longo o caminho que passava pela fórmula da ‘predisposição dos povos germânicos para o cristianismo’ até a idéia de que o reformador Lutero teria descoberto o acesso especificamente alemão ao Evangelho”¹⁸.

Essa perspectiva alcança as lideranças do Sínodo Rio-Grandense, em especial o P. Dr. Wilhelm Rotermond, cujo biógrafo observou que “sem a germanidade de Lutero seu espírito reformatório seria inconcebível”, e que “para o Dr. Rotermond, o cristianismo evangélico era absolutamente inseparável da Alemanha; não apenas porque isso lhe convinha no RS em sua luta pelo germanismo, mas porque acreditava que a fusão de alemão e evangélico estava fundamentada histórica, psicológica e essencialmente”¹⁹.

1932. Zusammenfassender Bericht..., p. 19 – EZA KA C VII RS 2 ap PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 370.

¹⁷ *Ibid.*, p. 311. É surpreendente ver essa menção de pastores luteranos que se recusaram a fundar uma classe pastoral simplesmente por não quererem abrir mão de regalias de representação, com base na mesma idéia de estamento (*Geystlich stand*) contestada por Lutero quando aplicada ao papa, aos bispos, aos sacerdotes e aos monges. Cf. *Infra* II.1.3.

¹⁸ “Essa compreensão etnicista da Reforma foi ampliada, na segunda metade do século XIX, pelo componente do cristianismo evangélico que levou à heroização de Lutero. Isso se evidenciou especialmente em 1868, por ocasião das celebrações em homenagem a Lutero em Worms, e em 1883, por ensejo do jubileu de nascimento de Lutero. Aqui se entendia Lutero como o ‘eterno alemão’ (von Treitschke) e a Reforma como a irrupção da forma do cristianismo adequada à natureza alemã”. PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 344-5.

¹⁹ *Ibid.*, p. 345.

Identificar uma Igreja nascente com um grupo étnico, especialmente uma continuação da cultura ou da nação alemã no Brasil não é uma teologia, no sentido de discurso da fé, com raízes sociais, culturais e políticas apenas para o período da imigração. E sem uma teologia com suficiente abertura, que animasse a existência dessas comunidades e as projetasse para o futuro, criou-se apenas um discurso étnico e cultural, sem maior expressão urbana, imobilizado geograficamente nas colônias, ao qual restou apenas como força institucional as comunidades, os sínodos e as escolas luteranas, nascidas no período da imigração. Não surpreende que grupos mais exaltados nesse contexto tenham se nutrido de teorias racistas²⁰ e apoiado o nacional socialismo com certo fervor religioso. Assim, “criou-se a lenda da identidade étnica baseada na raça e se perdeu o mito vivo que as próprias comunidades criavam e recriavam já em solo brasileiro”²¹.

O esforço da Federação Sinodal para afirmar as comunidades e Sínodos como Igreja de Jesus Cristo no Brasil se mostrou cada vez mais hercúleo à medida que novas descobertas históricas revelam o esforço de perpetuação destas idéias entre os membros, através da pregação dos pastores.

4.1.2. A influência de Barth na reorientação teológica

A partir da segunda metade da década de 1930, Dohms passou a ter a colaboração do teólogo que deu significativa contribuição no atenuamento dos efeitos da teologia etnicista, Ernesto Theóphilo Schlieper²². Os reflexos da contribuição teológica de Karl Barth logo se mostraram através da sua perspectiva teológica e dos debates e posicionamentos que marcaram os períodos anterior e posterior à Segunda Guerra, o momento de maior impacto para reorientação teológica dos Sínodos e da Federação Sinodal.

“Descobri e percebi pela primeira vez, justamente no auditório de Barth, qual o verdadeiro específico objeto da teologia... O tema da vocação foi levado a sério,

²⁰ BUONICORE, A. C. Racismo: a ideologia do colonialismo. *Portal Vermelho* (www.vermelho.org.br), 20.04.2005.

²¹ WESTHELLE, V. Uma fé em busca de linguagem; o sedicioso charme da teologia na IECLB. *Estudos Teológicos/EST* 1992/32 (1): 74-5.

²² Aluno de Karl Barth na Universidade de Bonn desde 1931, Schlieper descobre ser impossível tornar-se pastor para preservar a germanidade. *Ibid.*, p. 130.

mas também a missão da Igreja. Aprendemos a refletir eclesiasticamente. Agora era impossível continuar com a decisão de vir a me tornar pastor com a fundamentação anterior: por causa da germanidade. Agora permaneci de fato com minha decisão ou, melhor, encontrei-me novamente com ela, e essa decisão estava isenta de motivações não pertinentes, encontrei o acesso à teologia por amor a ela. Não foi uma decisão única. Foi assim, que não mais consegui me libertar dela”²³.

Depois do retorno ao Brasil, publicou em 1937, nas *Deutsche Evangelischer Blätter für Brasilien*, um artigo intitulado *O domínio de Cristo e a época atual*, no qual demonstrou “a impossibilidade de uma teologia autônoma do 1º artigo” do Credo Apostólico. Para ele, “uma teologia da criação tão somente é possível como parte integrante da cristologia”, observando que “falar de ‘ordenações na criação’” é “falar de um outro Criador que o Pai de Jesus Cristo”²⁴. A teologia etnicista começou a ser questionada²⁵. Anos mais tarde referiu-se aos muitos debates, admitindo que “os anos 1936-1946 nos colocaram, a nós pastores, diante da necessidade de reexaminarmos nossa teologia, de perguntarmos pela base teológica de nossa pregação e do nosso trabalho comunitário”²⁶.

O trabalho teológico de Schlieper foi exigente e intenso, mesmo sem ter total clareza do destino histórico que lhe estaria reservado, de ser um dos principais atores da reorientação teológica no Sínodo Rio-Grandense. A influência da perspectiva teológica de Karl Barth²⁷ não surgiu apenas de forma indireta, através

²³ DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade*; estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, Sinodal, Porto Alegre, EST São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, EDUCS, 1984, p. 238.

²⁴ DREHER, M. N. *Visão-luta-herança...*, p. 130.

²⁵ O Departamento do Exterior da Igreja Evangélica Alemã submeteu o artigo de Schlieper à análise do teólogo Eugen Gernstenmaier, que o acusou de desconhecer os esforços teológicos-eclesiásticos em prol de uma teologia do 1º artigo, de não ser a epístola aos Colossenses a melhor fonte para sua tese e que a doutrina cristológica da criação, de Schlieper, afastava-se do testemunho coerente da Escritura e da Confissão da Igreja. Dreher afirma que a crítica, “estava determinada por seu posicionamento político-eclesiástico”. DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade...*, p. 243.

²⁶ DREHER, M. N. *Visão-luta-herança...*, p. 130. Para compreender a extensão do problema e o impacto desses debates entre teólogos dos diversos Sínodos brasileiros e a Igreja Evangélica da Alemanha é fundamental ler o 4º capítulo de PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*

²⁷ Karl Barth: nascimento em 10 de maio de 1886, em Basel, Suíça; 1904 – Início do estudo de Teologia em Bern, Suíça, que continuou em 1906 Berlin e, em 1907, em Marburg e Tübingen, Alemanha; 1808-09 - Secretário de redação da revista *Christliche Welt* em Marburg, onde tornou-se Bacharel em Teologia; 1909-11 – Pastor auxiliar em Genebra, Suíça; 1911-21 – Pastor na localidade operária de Safenwil, Suíça; 1915 – ingresso no Partido Social-Democrático da Suíça; 1919 - 1ª edição de *A Epístola aos Romanos*; 1921-25 – Professor Honorário de Teologia Reformada em Göttingen, Alemanha; 1922 - 2ª edição de *A Epístola aos Romanos* (reformulada) e Doutor honoris causa da Universidade de Münster, Alemanha; 1923 – Criação da revista *Zwischen*

das suas aulas, mas também numa resposta à carta enviada em novembro de 1933 pelo pastor Heinz Giessel, de Santa Maria da Boca do Monte (RS), para o eminente teólogo suíço, a quem tinha ouvido durante suas férias em Berlim, na Alemanha.

Giessel reflete a já inquietante posição de alguns pastores alemães no Brasil, para quem tornava-se cada vez mais insustentável a manutenção de uma estrutura teológica com claras limitações para o futuro da Igreja. Ele dirige-se ao eminente teólogo para indagar: “Que acontece com a não-relacionalidade da fé com o etnicismo em nossa Igreja Evangélica Alemã no Brasil? (...) teria nossa Igreja de lá pecado todos esses anos, quando se deixou guiar pelo Evangelho exclusivamente para a preservação do etnicismo alemão? Acaso nós pastores, considerados os únicos portadores culturais daquelas colônias alemãs no exterior, não pecamos gravemente, quando, no além-mar, nos inserimos nas sociedades alemãs e lhes pregamos a preservação da índole e dos costumes alemães como ordenado por Deus?”²⁸. Suas dúvidas, eminentemente teológico-pastorais, traduziam os reais

den Zeiten; 1925-29 – Cátedra-tico de Dogmática e Teologia do Novo Testamento em Münster, Alemanha; 1927 – Publica a *Dogmática Cristã em Esboço* – v. 1: A Doutrina acerca da Palavra de Deus; 1930 – Doutor honoris causa da Universidade de Glasgow, Escócia, professor honorário de Sárospatak, Hungria; 1930-35 – Catedrático de Teologia Sistemática em Bonn, Alemanha; 1932 – Publica a *Dogmática da Igreja I/1*: A Doutrina acerca da Palavra de Deus; 1933 – Cria a série de ensaios *Theologische Existenz Heute*, com Thurneysen; 1934 – participa do concílio livre das comunidades Evan-gélico-Reformadas em Barmen (04/01), elabora a *Declaração Teológica* (16/05), é suspenso como professor universitário (26/11), sofre processo disciplinar e é demitido do serviço público (20/12); 1935 – Tem sua demissão revogada e aplicada multa pelo Tribunal Superior da Administração (14/06), o ministro da Cultura da Prússia decreta sua aposentadoria (22/06) e é convocado para a Universidade de Basel, Suíça (25/06); 1936 – Doutor honoris causa da Universidade de Utrecht, Holanda; 1937 – Doutor honoris causa da Universidade de St. Andrews, Escócia; 1938 – *Dogmática da Igreja I/2*, suas obras passam a ser publicadas na Suíça, por causa da proibição na Alemanha, Doutor honoris causa da Universidade de Oxford, Inglaterra; 1939 – Cassação do título de Doutor honoris causa da Universidade de Münster, Alemanha; 1940 – *Dogmática da Igreja II/1*: A Doutrina acerca de Deus; 1942 – *Dogmática da Igreja II/2*; 1945 – *Dogmática da Igreja III/1*: A Doutrina acerca da Criação; 1946 – Professor Visitante em Bonn e nova concessão do título de Doutor honoris causa da Universidade de Münster; 1948 – Participação na Assembléia de Fundação do Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdã, Holanda e *Dogmática da Igreja III/2*; 1950 – *Dogmática da Igreja III/3*; 1951 – *Dogmática da Igreja III/4*; 1952 – Condecoração Britânica do Mérito pela Paz; 1953 – *Dogmática da Igreja IV/1*: A Doutrina acerca da Reconciliação; 1954 – Doutor honoris causa da Universidade de Budapeste, Hungria; 1955 – *Dogmática da Igreja IV/2*; 1956 – Doutor honoris causa da Universidade de Edinburg, Escócia; 1959 – *Dogmática da Igreja IV/3* e Doutor honoris causa da Universidade de Strassbourg, França; 1961 – Jubilação; 1962 – Última aula e despedida (01/03), e Doutor honoris causa da Universidade de Chicago, EUA; 1963 – Prêmio Sonning em Copenhagen, Dinamarca, e Doutor honoris causa da Sorbonne, França; 1966 – Nomeação como Senador Honorífico da Universidade de Bonn, Alemanha, e viagem ao Vaticano; 1967 – *Ad Limina Apostolorum* e *Dogmática da Igreja IV/4* (fragmento): A Doutrina acerca do Batismo; 1968 – Membro da Academia de Ciências Morais e Políticas do Instituto de França, Prêmio Sigmund Freud da Academia de Letras de Darmstadt, Alemanha, e morte em 10 de dezembro, em Basel, Suíça. ALTMANN, W. org. *Karl Barth - Dádiva e Louvor*, artigos selecionados. Trad. Walter O. Schlupp, Luís Marcos Sander e Walter Altmann. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p. 3-6.

²⁸ Com a publicação anônima dessa correspondência no *Theologische Existenz Heute*, v. 5, 1933, p. 20-4, iniciou-se nova etapa do debate sobre a teologia etnicista no Brasil. ap PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 377.

dilemas dessa teologia para a realidade das comunidades luteranas no Brasil do segundo quartel do século passado.

Barth responde, em estilo pastoral, que “tudo que foi dito sobre a singularidade da revelação, sobre a liberdade do Evangelho e a soberania da fé vale, naturalmente, também e de modo especial na construção tão singular das comunidades dos países limítrofes e do exterior”. Já aqui Barth afirmou que comunidades luteranas teuto-brasileiras em nada se diferenciavam, do ponto de vista da salvação, de outras comunidades cristãs de qualquer outro lugar. Ponderou que era uma comunidade brasileira composta de alemães e essa era uma dificuldade especial. “E para o senhor e sua comunidade somente pode significar um ganho, se têm tão clara consciência disso. O senhor não deve nem pode ignorar por um momento sequer o dado fundamental de sua vida na comunidade: que sua gente são alemães e que existe o justificado desejo de que seu germanismo lhes seja preservado”²⁹. Barth não diz ser impossível a expressão da fé através dos valores de uma cultura, embora também não condicione aquela a esta, ao mesmo tempo que compreende a necessidade de preservação da expressão cultural.

“Sua dificuldade especial consiste no fato de que, por assim dizer”, afirma Barth, “o senhor tem que ser, em união pessoal, representante do germanismo e representante do Evangelho”. Após ponderar sobre a dificuldade da situação, insiste que eles têm que “dialogar constantemente consigo mesmos: ora o alemão falando com o pastor, ora o pastor falando com o alemão (...) só que uma coisa lhes tem que estar presente: não é o alemão que tem que dirigir este diálogo, e, sim, o pastor, que, por assim dizer, deve assumir e desempenhar nele o papel de Sócrates”³⁰. A tarefa atribuída ao pastor, de condutor do diálogo, é ajudar os colonos alemães a defrontarem-se com a verdade, que muitas vezes não possui bom aspecto, além de não pertencer ao mundo das aparências. Talvez tenha querido o teólogo suíço orientar a ênfase para o “conhece-te a ti mesmo”, sem querer que os pastores se arroguem o direito de ensinar sobre a natureza humana,

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*, p. 378.

mas apenas que se disponham a ajudar a refletir, a tomar consciência dos próprios pensamentos e a trazer à luz o que já têm em si mesmos³¹.

Com o necessário distanciamento crítico e sem o envolvimento emocional e comunitário dos pastores que atendiam comunidades alemãs no “exterior”, Barth observa que “como a pessoa irreconciliada, cega, pecadora que ela é, e, não obstante, aceita na Igreja do Senhor com toda a sua existência - o pastor, porém, tem o dever de anunciar a contrapergunta e a contra-resposta da palavra de Deus com base no primeiro, segundo e terceiro artigos da fé”³². A tarefa pastoral deve começar no que é mais básico: a condição de pessoa humana, aceita na comunidade de fé e em interlocução com a palavra de Deus, a partir da comunhão.

Entre os deveres do pastor está o “de entender o bom alemão melhor do que ele entende a si mesmo, terá que aceitá-lo, portanto, em toda a sua germanidade (o que também pode significar que o senhor, em nome de Deus, ministre aulas de alemão, cante canções folclóricas alemãs com sua gente, ensine-lhes história alemã e o que mais entrar em cogitação)”³³. Isso significa acolhê-lo pastoralmente no conjunto de sua condição humana (sua origem étnica, sua bagagem cultural, sua situação de vida, sua condição social). Mais, deverá interagir com essa condição para ajudá-lo a integrar-se à vida no ambiente em que está. Ao saber que lida com uma pessoa marcada por rupturas e adaptações traumáticas, deve fazer o esforço necessário para atenuar esse impacto, estimular uma resposta comunitária às necessidades desta pessoa e fazer uma abordagem aproximativa de sua realidade.

Continua Barth, “no entanto, de modo explícito ou implícito, nisso e com isso tudo deve recebê-lo na comunhão dos santos, e, portanto, entender novamente todas as manifestações de seu germanismo, de nenhum outro modo senão como uma confissão abrangente do *pecador* alemão, ao qual deve anunciar a *absolvição*, pois para isso ele é propriamente e em primeiro lugar pastor no Brasil (...)”³⁴. Deve ter rosto eclesial, ser uma presença que traduz o vivo interesse de Deus em seu bem-estar, já que não pode arrogar-se a falar em nome de uma instituição

³¹ VERGEZ, H. e HUISMAN, D. *História dos filósofos*. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. 4. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1980, p. 26-7.

³² PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 378.

³³ *Ibid.*

financeiramente forte. Acolher na comunhão dá identidade de fé, fortalece a identidade doutrinal e anima na estruturação da própria identidade, no sentido psicológico. Ouvir a confissão e anunciar a absolvição possibilita a experiência da comunhão com Deus e empresta sentido à presença pastoral da Igreja.

Lembra ainda o teólogo de Basiléia, que “a verdadeira prevalência do primado da palavra de Deus naturalmente é assunto da própria palavra e somente dela, e por isso o senhor não deve criar escrúpulos em todo esse assunto. Se o senhor estiver na fé e na obediência, que aconteça aquela desgraça cá e lá – como aliás, cá e lá acontece grande desgraça em nosso fazer, mesmo na melhor vida - e por fim tudo servirá ao bem para o senhor e sua comunidade”. Talvez movido pelas pressões do crescente nacional-socialismo, ele anima o pastor, por vezes também em condições precárias de vida e trabalho, a confiar que a palavra anunciada tem sua própria força, que não está condicionada à sua aparente fraqueza e que o poder de Deus se aperfeiçoa em sua fraqueza humana (2 Co 12.9).

E concluiu: “Portanto (...) ataque com firmeza seu inevitável trabalho em favor do germanismo, *pecca, pecca fortiter!*”, manifestando a esperança de que a carta não seja mostrada a um teuto-cristão, “que dele – quem sabe? – iria sorver um mel que não foi coletado para ele”³⁵. O conselho para *pecar com força* neste contexto, levantava a questão sobre a necessidade de atendimento ao grupo e sobre as possibilidades de acerto, sem referir-se ao papel da Igreja como fomentadora da cultura germânica.

A publicação da carta de Barth no informativo *Theologische Existenz Heute* (Existência Teológica Hoje) teve impacto imediato como tema de debate teológico na Europa, chegando com efeito retardado, mas eficiente ao trabalho dos Sínodos Evangélicos no Brasil, apesar de seus efeitos serem ainda ignorados pela pesquisa³⁶. Sem chocar-se abertamente contra a teologia etnicista, sendo ao mesmo tempo capaz de explicar os dilemas do pároco, ela acaba por demonstrar a fragilidade de um raciocínio e a ausência de uma causa efetivamente teológica.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ *Ibid.*

O conselho do teólogo suíço ao pastor alemão em terras brasileiras vai ter reações que encontram eco apenas na estrutura sinodal vigente no Brasil, polarizando ainda mais a situação. Menciono as três principais para registro: a primeira, do Pastor Funcke, apóia-se na convicção de que “num país católico romano, dificilmente se pode separar na prática o permanecer alemão do permanecer evangélico; uma coisa permanece ou desaparece junto com a outra. Por isso, a Igreja evangélica dos teuto-brasileiros se compara a um cedro num íngreme barranco de rio fortemente erosionado pela água, que se agarra teimosamente com suas raízes a uma rocha e é sustentada por ela; essa rocha é o germanismo”³⁷.

A segunda, do Pastor Strothmann, em palestra proferida no Concílio Sinodal de 1934, como reação ao texto de Barth e insistindo na defesa do germanismo, reconhece o serviço prestado à Igreja frente “a todas as tentativas de enfraquecer a singularidade da revelação de Deus em Jesus Cristo”, mas insiste que, como *Volkskirche* (Igreja popular), “congreguemos, iluminemos, preservemos e fortaleçamos o etnicismo, no qual está alicerçada”³⁸, posição que encontrou ampla aceitação entre os pastores da época.

A do Pastor Hermann Dohms, a terceira, volta à ênfase de que “eticismo existe pela ordem divina, e isso como ordem no mundo” que deveria ser dever do Estado, mas “onde o estado não cumpre seu dever. Neste caso, porém, de modo algum paira sobre o trabalho da Igreja o *pecca fortiter* que Barth escreveu sobre ela”³⁹. Nesse caso, a Igreja e sua teologia etnicista têm o papel de prestar às populações de origem alemã o atendimento, estrutura e retaguardas que o Estado não é capaz de prover.

A influência desta reorientação teológica começou a alterar a perspectiva de ser Igreja dos imigrantes alemães que, passa da sua auto-compreensão como “esteio da cultura germânica” para a de “Igreja no Brasil”, especialmente após o

³⁶ *Ibid.*, p. 379.

³⁷ Die deutschen Amtsbrüder in Brasilien und ihr Amt, *Deutsches Pfarrerblatt*, n. 1, 1936. A esse respeito comenta H.-J. Prien: “Se Deus, o Senhor, não for mais a rocha (cf. as referências a respeito no AT), ou se sua palavra não for mais a rocha, sobre a qual se fundamenta a Igreja, e, sim, o germanismo, então não apenas as prioridades estão deslocadas, mas essa Igreja étnica pouco tem a ver com a Igreja de Jesus Cristo no sentido da Reforma!” PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 377.

³⁸ *Ibid.*, p. 379.

impacto da Segunda Guerra Mundial. Este só mostrará mais claramente alguns anos depois do término do conflito, especialmente através da tomadas de posições.

Nesta nova etapa, com a ênfase colocada na pregação, a posição dos Sínodos foi assim resumida por Schlieper: “a pregação tem que ocorrer na língua que as pessoas entendem. Em um país de imigrantes, como o Brasil ainda o é, a Igreja não verá sua missão em fomentar o processo da mudança de linguagem. Ela reconhecerá o direito de preservação da língua materna. Sempre, porém, ela terá que ter em conta a realidade e falar na língua que é a língua dos seres humanos, aos quais ela se dirige. Isso significa que a Igreja no Brasil terá que ser, provavelmente por muito tempo, uma Igreja bilíngüe ou quiçá de mais línguas e que se terá que esperar de todo o pastor que ele domine além do alemão também a língua portuguesa”⁴⁰.

A elaboração que surgiu da reorientação teológica, após a Segunda Guerra Mundial, determinou institucionalmente a presença da Igreja em terras brasileiras, com todas as conseqüências que daí resultam para a pregação do Evangelho, mas o significado teológico deste momento para a reelaboração de sua auto-compreensão como Igreja no Brasil, a partir das suas comunidades, ainda está por ser elaborado⁴¹. Mas as resistências são grandes. A pergunta às comunidades, é se a rocha em que se sustentam, para lembrar a metáfora de Funcke, é o germanismo. Se for, as expectativas são pequenas para a missão eclesial. Se é Jesus Cristo, haverá sentido em todo o processo de reorientação teológica.

4.2. Missão: Teologia etnicista ou catolicidade?

O germanismo desenvolvido no Brasil sofreu grande influência do ideário nacional-socialista-étnico, baseado em fontes diversas, especialmente na teologia das ordenações da criação, de Althaus. Sua associação com poder religioso dentro da atmosfera política, marcada pelos nacionalismos dos anos 30 do século passado,

³⁹ *Ibid.*, p. 380.

⁴⁰ DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade...*, p. 249-50.

⁴¹ Ver WESTHELLE, V. Uma fé em busca de linguagem; o sedicioso charme da teologia na IECLB. *Estudos Teológicos/EST* 1992/32 (1): 78-9.

o tornou particularmente nocivo ao anúncio da fé cristã luterana. A influência dessa teologia ainda mostra resquícios funestos em diversas expressões e situações presentes no cotidiano.

Para lidar com essa situação dominada por ingerências exógenas à teologia, especialmente a luterana, não vê este pesquisador outro caminho senão adotar a crítica desconstrutiva de conceitos essencialistas, como sugeriu Stuart Hall⁴², colocando essas expressões sob suspeita. Percebe-se que alguns desses conceitos não foram dialeticamente superados na prática pastoral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, ao tempo em que as novas abordagens propostas parecem encontrar resistências. Um fato que reflete essa situação é o do 8º Concílio do Sínodo Brasil Central, ocorrido em Juiz de Fora (MG) dois anos depois da publicação da carta de Barth ao Pastor Giessel. O presidente do Sínodo, Pastor Erich Hoepffner, assim se expressou:

A luta dos espíritos, que eclodiu em toda parte, parece ser uma ingente e derradeira luta do príncipe deste mundo pela derradeira vitória, e na qual, como quer-nos parecer, o povo alemão se encontra novamente no front mais avançado.

*Com forte confiança ele ergue o olhar para o Führer, que considera chamado por Deus, e que dirige a construção do Terceiro Reich (...) **uma imensa responsabilidade pesa sobre os ombros desse homem (...) e não podemos esperar e desejar suficientemente que em relação a ele se cumpra a palavra: aos sinceros Deus concede sucesso (...)***

*O Führer deu um testemunho claro e insofismável de sua fé no cristianismo positivo, a partir do conhecimento instintivo de que o cristianismo positivo, isto é, a confissão de Cristo, o Filho de Deus, o garante do Evangelho e vencedor do pecado, da morte e do mundo, é o fundamento mais seguro também do Terceiro Reich, e quanto mais os falsos profetas e hereges erguem suas vozes, tanto mais urgente é nosso dever de, como cristãos, confessar nossa fé em Cristo e de ser suas testemunhas. Alegremo-nos e sejamos gratos **se não formos envolvidos nas facções e divisões que penetraram na Ig. Evang. Alemã depois de sua fundação** e que às vezes ameaçam destruí-la.⁴³*

O distanciamento histórico possibilita diversos tipos de reação frente a esse documento. Em todo caso, é possível perceber o que significa o amálgama do fervor pela confissão da fé em Cristo no mesmo discurso em que se empenha, com entusiasmo étnico-nacionalista, em expressar a solidariedade da comunidade cristã ao *Führer*, ao passo em que conclui acusando a Igreja Confessante, em que atuou Dietrich Bonhoeffer, de ser dirigida por falsos profetas e hereges.

⁴² HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T., org. *Identidade e diferença*; a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 103-33, citando DERRIDA, J. *Positions*. Chicago, University of Chicago Press, 1981.

⁴³ Relatório da 8ª reunião do sínodo – 29/06-01/07/1935 – Arq. do Sín. Brasil Central 8,2-4 ap PRIEN, H.-J. *Formação da Igreja Evangélica...*, p. 415.

4.2.1. Propôs Lutero uma teologia nacionalista?

Para entender esse amálgama de germanismo e fé cristã, Hans-Jürgen Prien remete à leitura do artigo de Gottfried Maron⁴⁴. No início do século passado o tema “germanização do cristianismo” era atual no contexto religioso. Teólogos e historiadores da Igreja referiam-se a Lutero como uma “tradução para o alemão do cristianismo” (*Verdeutschung des Christentums*). Chamando ‘traíçoeira’ a informação de que a fórmula “germanização do cristianismo” seria “uma filha do novo espírito crítico e da auto-consciência nacional”, Maron indaga se a igreja conseguiu defender-se vitoriosamente da influência do ambiente germânico?⁴⁵

Cita Franz Overbeck, que dá relevância à influência germânica na História da Igreja, chegando a afirmar, informalmente, que “os germanos não só se converteram ao cristianismo, mas o conquistaram – um despojo de guerra do reino romano destruído por eles!” Maron lembra ainda que Hans von Schubert escreveu na alocução comemorativa dos 70 anos de Harnack que “é possível pensar que, lá onde a ligação com a pátria eclesiástica, ou seja, entre a igreja do Reino e Roma, se desfez, rapidamente houve a necessidade de uma germanização generalizada, uma germanização urgente: eu penso que podemos designar as igrejas góticas-arianas, livres de Roma, que dependiam de seu próprio jeito para formatar suas necessidades, como um certo paralelo com a gnose, na qual Harnack nos ensinara a perceber uma urgente helenização”⁴⁶.

Sem dúvida, afirma Maron, Lutero destruiu a igreja da nobreza (*Adelskirche*) na Idade Média⁴⁷, mas a instituição da igreja própria (*Eigenkirche*) está muito mais ligada a um desenvolvimento econômico dos senhores da terra na tardia Idade Antiga e é “*national indifferent*”⁴⁸. Observa que o pesquisador de direito eclesiástico Ulrich Stutz (1868-1938) fez palestra em 1894 sobre o tema “A igreja própria (*Eigenkirche*) como elemento do direito eclesiástico germânico da Idade

⁴⁴ MARON, G. Luther und die ‘Germanisierung des Christentums’. *Zeitschrift für Kirchengeschichte* 1983 (94): 313-37, tradução de Renate Gierus.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 315.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 316-7.

⁴⁷ “Ohne Zweifel hat Luther ‘die Adelskirche des Mittelalters zerstört!’ HEIMPEL, H. *Der Mensch in seiner Gegenwart*. Göttingen, 1954, 145, ähnl-Formulierung 57. *Ibid.*, p. 330.

⁴⁸ “Das Institut der Eigenkirche hängt vielmehr mit der wirtschaftlichen Entwicklung zur Grundherrschaft in der Spätantike zusammen und ist, ‘national indifferent’” *Ibid.*, p. 330.

Média”, na qual destacou que Lutero “não é parte integrante desse processo de múltiplas camadas e de duração secular, em que os germanos se encontraram com o cristianismo”⁴⁹. Argumenta ainda que “Lutero, este grande ser humano alemão... não é um renegado ou rebelde porque o sistema estava pesado... Ele desviou-se, porque o sistema não lhe dava o que sua alma precisava; ele não dava o que a alma de seus contemporâneos precisava... Isto colocou um novo pensamento no coração: justo por fê!”, levando-o a retomar o pensamento paulino⁵⁰.

Destaca Johannes von Walter ao falar de “um casamento do espírito cristão e alemão em Lutero”, observando muito acertadamente que “Lutero nunca viu seu Evangelho como produto da vida espiritual do povo alemão, mas como dom de Deus a este povo, que da mesma forma fora oferecido a outros povos e que coloca tanto os alemães como também outros povos perante uma decisão ética. A aceitação do Evangelho, portanto, não se baseia no desenvolvimento popular desta ou daquela raça”⁵¹. O que pode ser dito, historicamente, é que em Lutero ocorre uma volta e um voltar a si, partindo da Sagrada Escritura e dos Pais da Igreja, para os primeiros séculos da História da Igreja⁵².

Do elogio de Lutero à simplicidade e à modéstia dos velhos germanos, quando se queixa vivamente de que quase não há tradição escrita da época alemã antiga⁵³, parece ter surgido o tema “Lutero e os germanos”, que rapidamente se transformou no tema “Lutero e Alemanha”, intensivamente discutido no início da época nacional-socialista. Diante desse desdobramento Maron se mostra surpreso: “É impressionante como nesta área – no sentido mais amplo na área nacional – rege a sensação e o sentimentalismo, levando a identificações ingênuas”⁵⁴.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 320.

⁵⁰ “Dieser größte deutsche Mensch... ist nicht Renegat oder abtrünnig geworden, weil das System zu schwer war..., sondern er ist abwendig geworden, weil das System ihm nicht gab, was seine Seele brauchte: es gab nicht, was die Seele seiner Zeitgenossen brauchte... das hat ihm den neuen Gedanken ins Herz gedrückt: gerecht durch den Glauben!” *Ibid.*, p. 323-4.

⁵¹ “Luther hat sein Evangelium nie als Produkt des geistigen Lebens des deutschen Volkes angesehen, sondern als Gabe Gottes an das deutsche Volk, die ebenso auch anderen Völkern geboten ward und sowohl die Deutschen wie auch andere Völker vor eine sittliche Entscheidung stellt. Die Annahme Evangeliums beruht also nicht etwa auf der völklichen Entwicklung dieser oder jener Rasse”. *Ibid.*, p. 326.

⁵² *Ibid.*, p. 331.

⁵³ *Ibid.*, p. 334.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 332.

Para ele, “o tema ‘Lutero e seus queridos alemães’ desdobra-se de forma dialética e ‘paradoxal’ como quase tudo em Lutero. Assim, encontram-se em Lutero, em suas manifestações sobre os alemães, tanto uma grande auto-consciência nacional como fortes críticas. Trata-se, nas declarações de Lutero, não de conhecimentos neutros, populares, psicológicos, muito menos de jargões nacionalistas. Trata-se, isto sim, de expressões de Lutero sobre seu país e povo, as quais estão em conexão imediata com sua tarefa”⁵⁵.

Sem engajar-se em algum movimento nacionalista, “Lutero enxerga, a partir de sua mensagem, a hora histórica de seu povo, ele vê a grandeza do presente divino e a tarefa de seu povo; ele porém também vê o aumento do abuso da liberdade evangélica, ele vê a ingratidão em relação ao bem confiado, ele vê o desprezo à palavra de Deus”⁵⁶. Nessa situação aparece também sua dialética, que lhe dá condições de também dizer: “Você, desgraçada Nação!”⁵⁷

Sem poder ser enquadrado num modelo nacionalista germânico, mesmo com sua contribuição para a cultura, especialmente a língua, deve-se perguntar pela relação de Lutero com sua mensagem. Para Maron, a grandeza de Lutero consiste em sempre se contrapor ao seu uso arbitrário, como na guerra dos camponeses. Assim, ele conclui que “não é possível falar de um *conteúdo* alemão na mensagem de Lutero. Para ele, a preferência era o cristão e não o nacional. Este ‘Lutero alemão’, mal entendido, não era nada mais do que a posse de um produto nacional. Lutero bem o sabia: o que ele tinha para pregar ‘não são controvérsias na Alemanha, são controvérsias de toda a cristandade, por causa da palavra de Deus’”⁵⁸.

4.2.2. Desafios da catolicidade à pregação luterana

Para voltar à sua história recente e defrontar-se com o teólogo Martim Lutero e sua mensagem, cuja dialética não se deixa aprisionar e nem corromper, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é chamada a reavaliar seu papel frente

⁵⁵ *Ibid.*, p. 335.

⁵⁶ *Ibid.*

⁵⁷ Er kann sagen “Du unselige Nation!” *Ibid.*, p. 336.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 337.

à realidade brasileira. De novo as comunidades, sínodos e pastores precisam se perguntar sobre o que a constitui como Igreja, qual o sentido de sua existência e quais as novas perspectivas que ela passa a ter diante de si.

Refletir sobre sua natureza, faz a Igreja voltar às suas raízes mais profundas e se redescobrir comprometida com a difusão do evangelho puro, que para o reformador é o fundamental. Este é o sinal (*nota*). “A Igreja só é reconhecida como Igreja de Cristo em sua pregação do verdadeiro evangelho. Todos os demais sinais (*notae*) da Igreja são aspectos do evangelho”⁵⁹, já ensinara. O recurso à bagagem teológica trazida das origens européias é fundamental para a Igreja descobrir seu *proprium* e situar sua atuação para dentro da realidade em que está presente. Isso implica em universalidade.

Viver a catolicidade também implica riscos, mormente no campo cultural. A antropologia já demonstrou que “culturas mais complexas e universais, quando confrontadas com culturas locais, acabavam por devorar ou suprimir estas últimas. A história da atividade missionária do cristianismo europeu significou para muitos povos a imposição da fé, numa versão e num *ethos* alheios às próprias culturas. Esta questão continua atual ainda em nossos dias e constitui um obstáculo sério a uma autêntica inculturação da fé, dado que o cristianismo missionário é ainda majoritariamente pensado e vivido no interior de uma cultura hegemônica”⁶⁰.

Na reelaboração constante de sua teologia, as Igrejas redescobrem que têm importância para a missão de Deus no mundo, mas que não são o seu alvo. Elas são chamadas e enviadas a participar dela. Ademais, não apenas cristãos ordenados participam da missão, mas todos os membros das Igrejas. Cada pessoa é chamada a esse compromisso. O sacerdócio geral dos crentes perpassa o pensamento de Lutero⁶¹. Conquanto criatura da Palavra e anunciadora da Palavra, a “Igreja não é a soma das pessoas que crêem individualmente em Deus, mas comunhão de amor

⁵⁹ DREHER, M. N. A missão de Deus na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos Teológicos/ EST*, 1993/33 (3): 271.

⁶⁰ MIRANDA, M. F. Uma inculturação privilegiada da fé. In: TAVARES, S. S. org. *Inculturação da fé*. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 26.

⁶¹ DREHER, M. N. A missão de Deus..., p. 270 e 273.

fraterno e de confiança mútua, irradiado no serviço aos que estão fora da comunidade. O evangelho se confessa com a boca e com a mão, diz Lutero”⁶².

Diante desse desafio, é significativo evocar o testemunho do bispo católico romano Bartolomé de las Casas, que criou a tradição de defesa intransigente da pregação do evangelho com perspectiva social durante a colonização ibero-americana, lembrando a tradição teológica luterana, que surge três décadas após Colombo, ao referir-se às atrocidades cometidas pelos espanhóis contra os indígenas e afirmar que “as heresias deles não desprezam nossa imaculada e firme fé, nem deixam eles de adorar nosso Deus, o Cristo crucificado”⁶³.

A atuação de Las Casas tem relevância porque ele cita a confessionalidade luterana para defender a catolicidade necessária à visão da plena humanidade da população indígena. Essa situação que o levou a ser “acusado de luterano por sua defesa dos indígenas contra a *encomienda* não deveria ser tomada como algo mais que um epíteto para herege (o qual, aliás, Las Casas deve ter recusado com sua reconhecida veemência)”⁶⁴.

Em nome da defesa da catolicidade, inclusiva dos indígenas, Las Casas foi acusado de ser Luterano. Esse fato chama a atenção por duas razões: primeira, porque neste mesmo século o movimento reformador cresceu irreversivelmente no coração da Europa, e segundo, porque três séculos depois a teologia etnicista produziu o mesmo efeito entre luteranos no continente latino-americano.

No cumprimento da missão e em atendimento aos desafios da catolicidade, a Igreja conviveu com os poderes, mas sempre enfrentou dificuldades, por vezes comprometedoras, no seu exercício. No seu aprendizado, descobriu a necessidade premente de voltar sempre ao seu Senhor, cujo poder não era “o poder absoluto que tudo mudaria, mas o poder de relativizar os poderes confrontando-os com seus próprios limites. Realizou em sua própria pessoa e ensinou através de seus atos o

⁶² *Ibid.*, p. 273.

⁶³ FRIEDE, J. *Bartolomé de Las Casas, precursor del anticolonialismo; Su lucha y su derrota*. México, Siglo XXI, 1974, p. 171.

⁶⁴ ENZENSBERGER, H. M. *Bartolomé de Las Casas, the devastation of the Indies: a Brief Account*. New York, Seabury, 1974, p. 6.

mistério de que o povo não deveria esperar por um messias-Herodes. Deveria esperar por si próprio”⁶⁵.

A Igreja é chamada desde seu nascedouro a anunciar que o Reino, em virtude da insurgência dos poderes subalternos, “já está aqui (em virtude da auto-afirmação dos excluídos) mas ainda não (porque as estruturas de poder são relativizadas, mas ainda não superadas). O poder se aperfeiçoa, porque o poder absoluto é a negação do ser que o sustenta. A fraqueza aperfeiçoa o poder porque o relativiza... a relativização dos poderes é a condição para o reconhecimento do poder divino”⁶⁶.

Para realizar sua missão no mundo, a partir de sua catolicidade, a Igreja deve desenvolver estruturas com o único objetivo de “servir de instrumento para o plano salvífico de Deus no mundo. Daí resulta que a Igreja tem de assumir, sempre de novo, características de povo peregrino, que abandona terreno conhecido, rumo a horizontes novos e, por isso mesmo, desconhecidos. Sempre que a Igreja se assusta diante da jornada e se ‘instala’, tem início a perversão”⁶⁷.

Conclusão

A trajetória histórica que levou lideranças eclesiais, em circunstâncias difíceis e com as sofridas limitações dos imigrantes, seu grupo inicial básico, a uma correlação de forças com a sociedade brasileira, ao agarrarem-se ao germanismo, desenvolverem uma teologia etnicista e relutarem quanto ao atendimento da reorientação teológica proposta pela Igreja, posturas que devem ser revistas.

Da mesma forma, essa Igreja acabou por apropriar-se da mensagem de libertação espiritual surgida do movimento reformador como um produto estritamente cultural, identificar Lutero com os ideais germânicos e utilizar sua teologia e seu legado histórico para a afirmação de um grupo humano, caminhos que não correspondem à sua compreensão evangelho, nem à natureza de seu

⁶⁵ WESTHELLE, V. Missão e poder; o Deus abscondito e os poderes insurgentes. *Estudos Teológicos/EST*, 1991/31 (2): 188.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 189.

testemunho, que se espalhou por diversas regiões do mundo, e nem ao impacto do movimento reformador para a fé cristã na modernidade.

Da mesma forma, voltar-se a uma visão intra-muros, da qual se pode justificar o apoio a ideologias, a identificação com sistemas políticos de direita ou de esquerda, a difusão de uma teologia etnicista, baseada na síntese guilhermino-burguesa de cultura alemã e cristianismo reformatório, não criaram novas perspectivas para o anúncio da salvação em Jesus Cristo e nem para o crescimento de sua presença em terras brasileiras.

Ao defrontar-se com os fatos ocorridos nas comunidades e sínodos que vieram a formá-la em 1968, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem nova oportunidade de percepção crítica de equívocos e acertos. De um lado, a difusão do germanismo, a teologia etnicista, a demora na decisão de iniciar a formação de obreiros, a concentração de poder na classe pastoral e a teologia institucional desenvolvida no sínodo. De outro, a reorientação teológica da Igreja, a influência de Barth, a Segunda Guerra Mundial e a crise de identidade, a atuação de estudantes de Teologia, e a teologia que ganhou sua casa de formação e manteve o desafio de diminuir a distância das comunidades.

Qual Lutero que, angustiado diante de um sistema que não dava o que ele e seus contemporâneos precisavam, busca a verdade evangélica de que o justo viverá por fé, a IECLB deve diminuir suas expectativas em relação à cultura germânica, desistir da teologia etnicista e inculturar sua fé na realidade brasileira, acolhendo o diferente e dispondo-se a servir ao mundo.

⁶⁷ Entrevista com o pastor Breno Arno Schumann publicada em *CEI Suplemento*, 1974/7 (mar): 31-2.